



GT – “06”: “Economia urbana, trabalho, comércio e consumo”

**SUBCENTROS EM METRÓPOLES POLICÊNTRICAS:
O CASO DOS SUBCENTROS NOS BAIROS BANGU E CAMPO
GRANDE, NO RIO DE JANEIRO¹**

Heloísa Mariz Ferreira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
heloisamariz@gmail.com

(ATENÇÃO: Não se identifique na primeira submissão)

RESUMO: No presente trabalho, tratamos de subcentros em cidades policêntricas, a partir da análise dessas áreas centrais nos bairros de Bangu e Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, considerando a quantidade e a diversidade das atividades terciárias desenvolvidas. Como procedimentos metodológicos, identificamos os estabelecimentos comerciais e de serviços, por meio da ferramenta *Google Street View*; classificamos as atividades, de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE); e elaboramos gráficos das atividades econômicas e representações cartográficas dos eixos com concentração de comércio e serviços. A partir disso, apreendemos que, articulada a processos sociais, políticos e econômicos de diferentes escalas espaciais, ocorre complexificação das funções das duas áreas centrais, com novas posições hierárquicas e incremento das diferenças na estrutura urbana.

Palavras-chave: subcentros; Bangu; Campo Grande.

¹ O trabalho é resultante da pesquisa “Reestruturação urbana no Estado do Rio de Janeiro. Dinâmicas Econômicas e contradições socioespaciais”, financiada pela Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), através do Edital Pós-Doutorado Nota 10, processos E-26/205.992/2022 e E-26/205.993/2022

1. INTRODUÇÃO

As dinâmicas de desconcentração de atividades econômicas, iniciadas no século XX, culminaram na formação de subcentros, representativos de papéis inferiores na hierarquia urbana, o que foi sucedido, mais recentemente, pela constituição de estrutura policêntrica, com a emergência de relações entre áreas centrais e de novos papéis aos subcentros. Na metrópole do Rio de Janeiro, diversos estudos procuraram apreender as transformações da estrutura urbana, destacando as diferentes posições de áreas centrais na hierarquia urbana, mas análises contemporâneas explicam o predomínio das diferenças nas cidades policêntricas, em contraponto ao tradicional enfoque sobre homogeneidades.

Entendendo que a conformação de estruturas policêntricas envolve relações de complementaridade e concorrência entre áreas centrais, Pacheco (2012) defende que, embora possam ser comparados, os subcentros não são homólogos ou homogêneos. Essa heterogeneidade das áreas centrais é intensificada, segundo a autora, com as transformações na estrutura econômica e na organização espacial das atividades terciárias, que resultam em novos padrões espaciais e hábitos de consumo. Por isso, a racionalidade utilizada para a compreensão dos subcentros no século XX se mostra insuficiente para a análise dessas áreas centrais no contexto de transformações econômicas e estruturas policêntricas, no século XXI.

No presente trabalho, tratamos dos subcentros situados nos bairros de Bangu e Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, considerando, principalmente, o número e a diversidade de atividades comerciais e de serviços. Nossa análise dos usos do solo demonstra mudanças nas posições hierárquicas dos dois subcentros na estrutura urbana do Rio de Janeiro, com aumento do número e complexificação das atividades terciárias desenvolvidas, de modo distinto às análises da estrutura urbana realizadas no século XX, que apontaram número pouco expressivo de funções desempenhadas nos dois subcentros, se comparado a outras áreas centrais da cidade.

Tais dinâmicas são resultantes de processos sociais, econômicos e políticos, atinentes a diferentes escalas espaciais. No que diz respeito aos processos da produção do espaço urbano do Rio de Janeiro, destacamos o aumento da população da Zona Oeste, principalmente nos bairros de Bangu e Campo Grande, com a presença de diferentes segmentos socioeconômicos, a despeito do predomínio de camadas de baixo poder aquisitivo; a produção capitalista de

moradias, como resultado de investimentos privados em condomínio residenciais; e os investimentos públicos e privados, em obras de reurbanização, infraestrutura e tratamento paisagístico e instalação de *shopping centers*, respectivamente.

Esses processos se encontraram, e ainda se encontram, articulados àqueles de ampla abrangência, sobretudo a diminuição da pobreza, da miséria e da desigualdade de renda no país, com melhores condições de consumo das camadas de baixo poder aquisitivo, a partir dos anos 2000. Isso foi concomitante à disseminação do crédito, com a proliferação de agentes credores, a exemplo de financeiras e lojas que oferecem cartões próprios, combinado à importância inédita do consumo na sociedade contemporânea.

Para a análise dos usos do solo nos subcentros situados nos bairros de Bangu e Campo Grande, identificamos estabelecimentos comerciais e de serviços, por meio da ferramenta *Google Street View*, com imagens referentes ao ano de 2023. Em seguida, classificamos as atividades conforme a Classificação Nacional de Atividades Econômicas² (CNAE), elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A partir disso, elaboramos gráficos da participação de atividades econômicas nos subcentros de Bangu e Campo Grande e representação cartográfica da concentração espacial dessas atividades.

O texto é composto, além da ‘Introdução’, pela seção ‘Subcentros nas metrópoles brasileiras’, na qual discorreremos sobre diferentes concepções de subcentros em metrópoles, com foco no contexto nacional; ‘Novas dinâmicas socioespaciais em Bangu e Campo Grande’, em que tratamos de transformações ocorridas na Zona Oeste do Rio de Janeiro, explicativas de mudanças nos subcentros situados nos bairros de Bangu e Campo Grande; ‘Os subcentros de Bangu e Campo Grande’, no qual desenvolvemos análise dos usos do solo dos dois subcentros; e ‘Considerações finais’.

2. SUBCENTROS NAS METRÓPOLES BRASILEIRAS

No âmbito da Geografia Urbana, diversos estudos sobre centralidade e estrutura urbana foram realizados, proporcionando diferentes concepções de subcentros. Castells (1983) trata das dinâmicas de desconcentração das atividades comerciais e de serviços, originadas do centro

² A classificação abrange, dos maiores para os menores níveis, seções, divisões, grupos, classes e subclasses. Para os objetivos de nosso trabalho, escolhemos utilizar o nível das classes, que permite detalhamento dos tipos de atividades desenvolvidas.

da cidade, e aponta que resulta na formação de centros-de-troca periféricos, que atendem áreas específicas da cidade ou parcelas mais extensas, quando situados em redes de fluxos na metrópole.

Para Corrêa (1989), os subcentros apresentam diversidade significativa de atividades comerciais e de serviços, de modo semelhante ao centro da cidade, mas em proporções menores. O autor também confere atenção aos atributos dessas áreas centrais, influenciados pela oferta de linhas de transporte coletivo, adensamento populacional e nível de renda da área de influência. A partir disso, o autor distingue subcentro regional, representativo de maiores similaridades ao centro da cidade, em razão da elevada concentração e diversidade de atividades, inclusive de filiais cujas sedes se encontram no centro, atendendo parcela ampla da metrópole; e subcentros de bairros e de bairro, característicos das menores dimensões do porte da concentração e da diversidade de atividades, frequentados, respectivamente, por residentes de bairros próximos e do próprio bairro do subcentro.

Duarte (1974) utiliza da Teoria das Localidades Centrais, de Walter Christaller, para tratar das áreas centrais do espaço intraurbano enquanto lugares centrais que exibem uma área de influência. A partir disso, a autora entende que a complexidade de atividades desenvolvidas em uma área central é indicativa do seu campo de forças sobre áreas adjacentes. A formação dessas áreas centrais ocorre pela conjunção de diversos fatores, dentre os quais, destacamos, na escala geográfica do espaço intraurbano, o crescimento populacional e territorial das cidades e a desconcentração de infraestruturas, acompanhado, no âmbito da sociedade capitalista, de transformações sociais e econômicas (DUARTE, 1974).

Os subcentros constituem, segundo Duarte (1974), áreas hierárquica e funcionalmente inferiores ao centro da cidade, mas destaca a complexidade das atividades comerciais e de serviços desempenhadas. De acordo com a autora, os subcentros ofertam não somente bens e serviços cotidianos, presentes, por exemplo, em padarias, açougues e mercearias, mas também produtos mais especializados, encontrados em clínicas médicas e escritórios de advocacia, contabilidade e arquitetura. Em razão dessa complexidade, os subcentros atendem tanto demandas frequentes quanto exigências pouco regulares, atraindo moradores de outros bairros.

A partir dessa compreensão, Duarte (1974) realiza classificação entre os diferentes subcentros da cidade do Rio de Janeiro, por meio da identificação das funções de consumo 'pouco frequente'. O comércio varejista de consumo 'pouco frequente' consiste nas atividades ligadas a livrarias, óticas e lojas de departamentos e lojas de vendas de eletrodomésticos,

instrumentos musicais, tapetes, artigos de decoração, lustres e artigos de iluminação. Quanto aos serviços, tais funções envolvem escritórios de advocacia e contabilidade, clínicas médicas especializadas (cardiologia, oftalmologia, endocrinologia, ortopedia, neurologia, psiquiatria e cirurgia plástica), agências de financiamento e investimentos, cursos preparatórios e de línguas e agências dos principais jornais (Duarte, 1974).

Duarte (1974) pontua os níveis de complexidade dos subcentros, o que a permite elaborar distinções, sendo três tipos principais, concernentes aos ‘centros funcionais de primeira categoria’, onde estão presentes mais de 12 funções; ‘centros funcionais de segunda categoria’, 8 a 12 funções; e ‘centros funcionais de terceira categoria’, 4 a 7 funções. A partir dessa análise, a autora aponta os subcentros de Copacabana, Tijuca, Méier, Catete, Madureira e Ipanema como ‘centros funcionais de primeira categoria’; Campo Grande, Penha, Cascadura, Ramos, Bonsucesso e Leblon como ‘centros funcionais de segunda categoria’; e Pilares e Bangu enquanto ‘centros funcionais de terceira categoria’.

Tratando de contexto temporal mais recente, Pacheco (2012) assinala que a redefinição da centralidade intraurbana envolve mudanças e permanências nas dinâmicas dos subcentros. Isso porque, de acordo com a autora, as estruturas físicas pretéritas persistem e impactam as ações desenvolvidas no presente, mas se combinam a dinâmicas de refuncionalização dos espaços terciários. Para a autora, a análise dos subcentros em cidades policêntricas deve ponderar os apontamentos acerca das posições na hierarquia intraurbana e das conceituações dessa área central, porque as dinâmicas atuais demonstram que o modelo de cidades difusas tem resultado em importantes inovações nos processos socioespaciais. A partir disso, a autora aponta a necessária adoção da dialética da centralização, ao buscar destacar as diferenças, em comparação às homogeneidades.

3. NOVAS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS EM BANGU E CAMPO GRANDE

A segunda metade do século XX foi representativa do princípio de mudanças importantes na Zona Oeste do Rio de Janeiro, que foi incorporada ao tecido urbano consolidado, entre os anos de 1960 e 1970, integrando um dos vetores de expansão da cidade. Isso passou a ocorrer num período de crise habitacional, em que populações pobres procuraram por alternativas de moradias, o que tornou a Zona Oeste a área com maior crescimento populacional da metrópole. As características de incremento da população e distância expressiva do centro

da cidade contribuíram, já nesse período, para a concentração de comércio e serviços nas áreas próximas às estações de trem dos bairros de Bangu e Campo Grande (Macedo, 2002).

Em estudo sobre a estrutura urbana do Rio de Janeiro na década de 1960, período em que a Zona Oeste era ainda marcada por extensa área rural, Geiger (1960) aponta que, embora a concentração de comércio e serviços situada em Campo Grande apresentasse dinamicidade, o fato dos moradores do bairro trabalharem em outras parcelas da cidade durante o dia, pouco frequentando a área de comércio e serviços que se formava, prejudicavam o aumento do número e a expansão espacial das atividades terciárias.

Soares (1965) descreve o subcentro de Campo Grande como uma concentração significativa de bens e serviços, situada nas proximidades da estação de trem. Essa concentração atendia a população rural dos arredores; a “classe média abastada”, formada por comerciantes e antigos proprietários de chácaras de laranja; e a população pobre do bairro, o que era explicativo do grande número e diversidade dos estabelecimentos de comércio e serviços.

Na classificação das áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro, na década de 1970, Duarte (1974) assinala que a concentração de atividades terciárias situada em Campo Grande correspondia ao centro funcional de ‘segunda categoria’, em posição hierárquica inferior, por exemplo, aos subcentros de Copacabana, Botafogo, Ipanema, Madureira e Méier.

[...] Trata-se do centro mais importante da área, no entanto, é o conteúdo socioeconômico da população desta porção da Guanabara que justifica a posição de centro funcional entre os demais. Servindo a uma área suburbana de baixa classe média, Campo Grande apresenta um equipamento funcional inteiramente adaptado aos padrões desta população. Não obstante subequipado, trata-se de centro funcional dinâmico (Duarte, 1974, p. 85).

Quanto ao observado em Bangu, Duarte (1974) destaca que a distância considerável em relação às concentrações de atividades de Campo Grande e Madureira contribuiu para a formação de outra área comercial e de serviços, que se apresentou, entretanto, reduzida, com menor crescimento das atividades e capacidade de atração de frequentadores. Isso foi explicativo, segundo a autora, da posição de centro funcional de ‘terceira categoria’ do subcentro localizado nesse bairro.

Macedo (2002) e Cassemiro (2011) apontam que, até a década de 1970, o aumento populacional da Zona Oeste correspondeu a resultado da remoção de moradores de favelas da Zona Sul, que foi paralela à mudança para conjuntos habitacionais populares. Entretanto, a

persistência de estoque de terras a baixo valor imobiliário e a melhoria da acessibilidade em Bangu e, sobretudo, Campo Grande se tornaram atrativos aos capitais incorporador e imobiliário, para implantação de condomínios verticais e horizontais, em simultâneo à diminuição dos investimentos em áreas consolidadas da cidade, marcadas pela concentração da população de alta renda, como os bairros da Zona Sul.

A partir da década de 1990, a Zona Oeste passou a se destacar não somente pelo lançamento de unidades residenciais, mas também comerciais, especialmente nos bairros de Campo Grande, Bangu e Santa Cruz (Macedo, 2002). Nos anos seguintes, essa dinâmica se somou à instalação de *shopping centers*, o West Shopping, em 1997; o Passeio Shopping, em 2000; o Park Shopping Campo Grande, em 2012; o Pátio Mix Costa Verde, em 2010; Parque Shopping Sulacap, em 2013; e o Bangu Shopping, no ano de 2007. Os três primeiros estão localizados em Campo Grande e o último, no bairro de Bangu. O Bangu Shopping e o Passeio Shopping³ estão localizados nos subcentros em Bangu e Campo Grande, respectivamente, em contiguidade espacial aos trechos de maior concentração de atividades terciárias e fluxo de consumidores.

A partir dos anos 2000, a concentração populacional aumentou, em razão da expansão da produção de moradias, com o lançamento do programa Minha Casa, Minha Vida, nos dois primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), o que fez Campo Grande figurar entre os bairros onde mais se lançou unidades de condomínios. O programa fomentou interesse de muitas empresas construtoras em atender demandas por moradias de camadas sociais pouco atendidas, até então, pelos programas habitacionais, em bairros mais baratos que outras áreas da cidade. Essa dinâmica promoveu o crescimento da população de bairros periféricos, sobretudo Campo Grande e Bangu, porque a oferta de moradias no âmbito do programa atendeu não apenas moradores desses bairros, mas também indivíduos que residiam em outras partes da cidade (Casemiro, 2011). Nesse período, Bangu e Campo Grande também receberam investimentos públicos da prefeitura municipal, como as ações no âmbito do Programa Rio-Cidade, que contemplou obras de reurbanização, infraestrutura e tratamento paisagístico em

³ Não consideramos que os dois *shopping centers* sejam parte dos subcentros, com base no entendimento de que são resultantes de processos sociais, econômicos e espaciais distintos, mas destacamos a contribuição à constituição de grande aglomeração de comércio e serviços nas duas áreas, numa complexa combinação de agentes e tipos de atividade.

diversas parcelas dos dois bairros, principalmente nas áreas com maiores concentrações de atividades terciárias (Oliveira, 2019; Macedo, 2002).

Como resultado desse conjunto de dinâmicas, a Zona Oeste consiste em espaço de residência de diferentes segmentos socioeconômicos, mas sobretudo das camadas de menores rendimentos; concentra os bairros mais populosos do município; e atrai investimentos públicos e privados.

4. OS SUBCENTROS EM BANGU E CAMPO GRANDE

Na análise dos subcentros localizados nos bairros de Bangu e Campo Grande, identificamos, como ilustrada na figura 1, aglomeração de comércio e serviços em trechos com fluxo expressivo de frequentadores e atuação significativa de grandes empresas, em coexistência a pequenos comerciantes e prestadores de serviços.

Figura 1. Atividades terciárias no calçadão na Avenida Cônego de Vasconcelos, em Bangu, 2023.

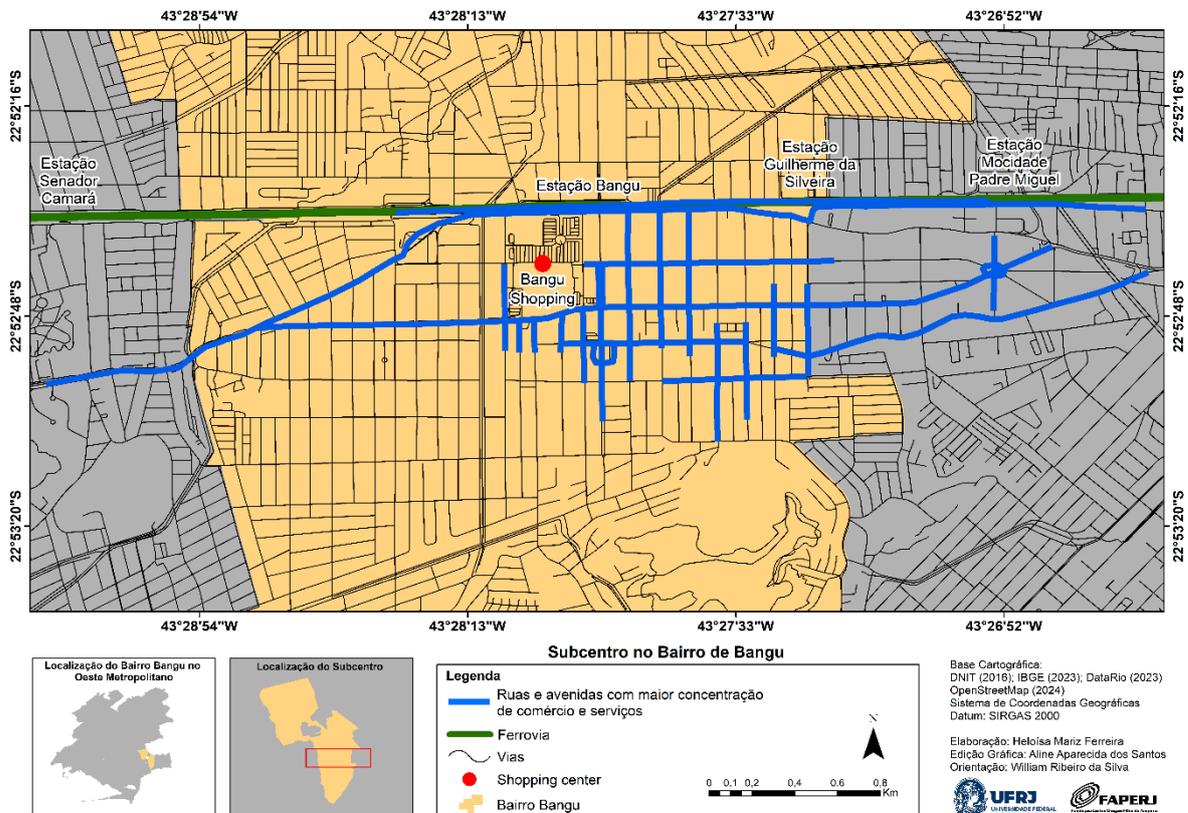


Fonte: Trabalho de campo.

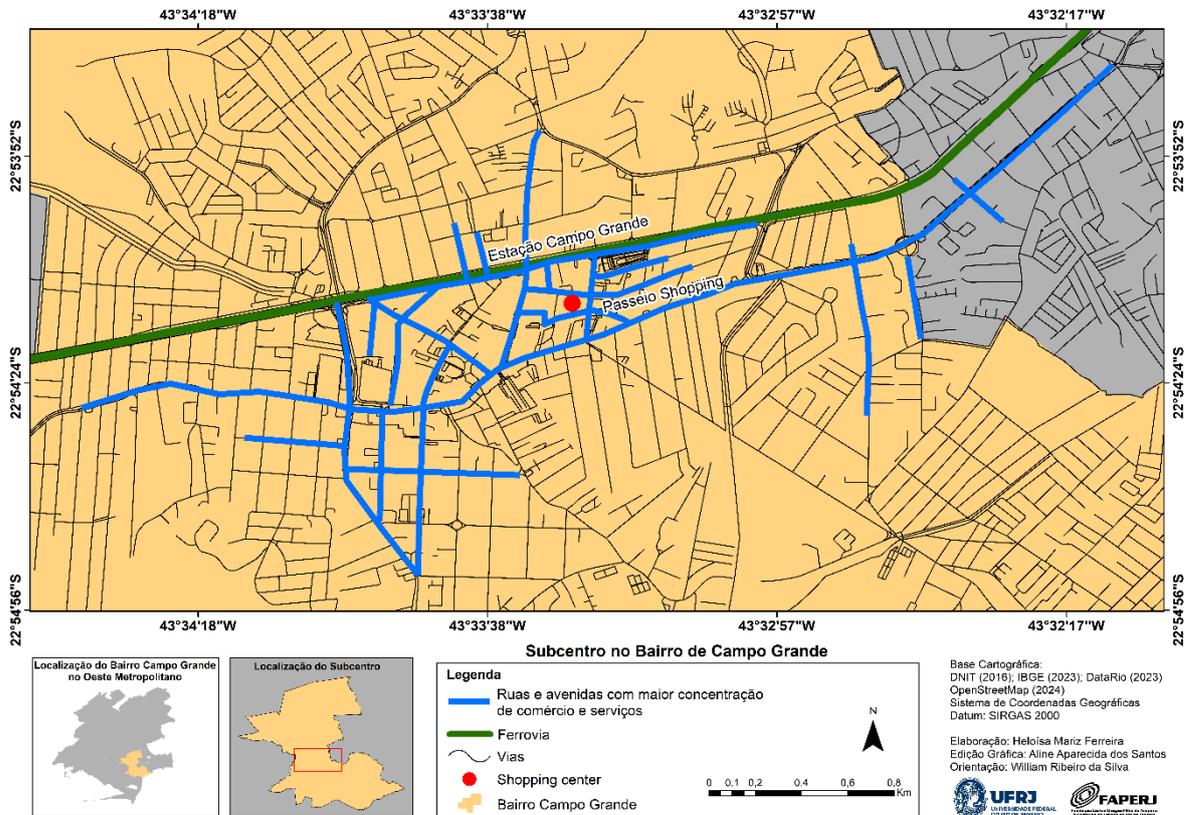
A aglomeração de comércio e serviços envolve não apenas os calçadões nos eixos Cônego de Vasconcelos e Ministro Ary Franco, em Bangu, e Coronel Agostinho, em Campo Grande, mas também as ruas da Feira, Francisco Real e Silva Cardoso, no caso do subcentro situado em Bangu, e Viúva Dantas, Beco do Seridó e Augusto de Vasconcelos, em Campo Grande. Todavia, os dois subcentros também exibem dinâmicas de expansão espacial, alcançando bairros vizinhos, a exemplo de Padre Miguel, a partir, sobretudo, da aglomeração de atividades na Avenida Santa Cruz, no caso do subcentro em Bangu, e Senador Vasconcelos, por meio, principalmente, da Avenida Cesário de Melo, em Campo Grande.

Embora, nos mapas 1 e 2, observamos que o subcentro localizado em Bangu apresente maiores dimensões espaciais que a área de comércio e serviços situada em Campo Grande, destacamos o número mais elevado de estabelecimentos comerciais e de serviços nesta área, 1744, ao passo que, em Bangu, contabilizamos 1274 estabelecimentos.

Mapa 1. Delimitação do subcentro em Bangu, 2023.

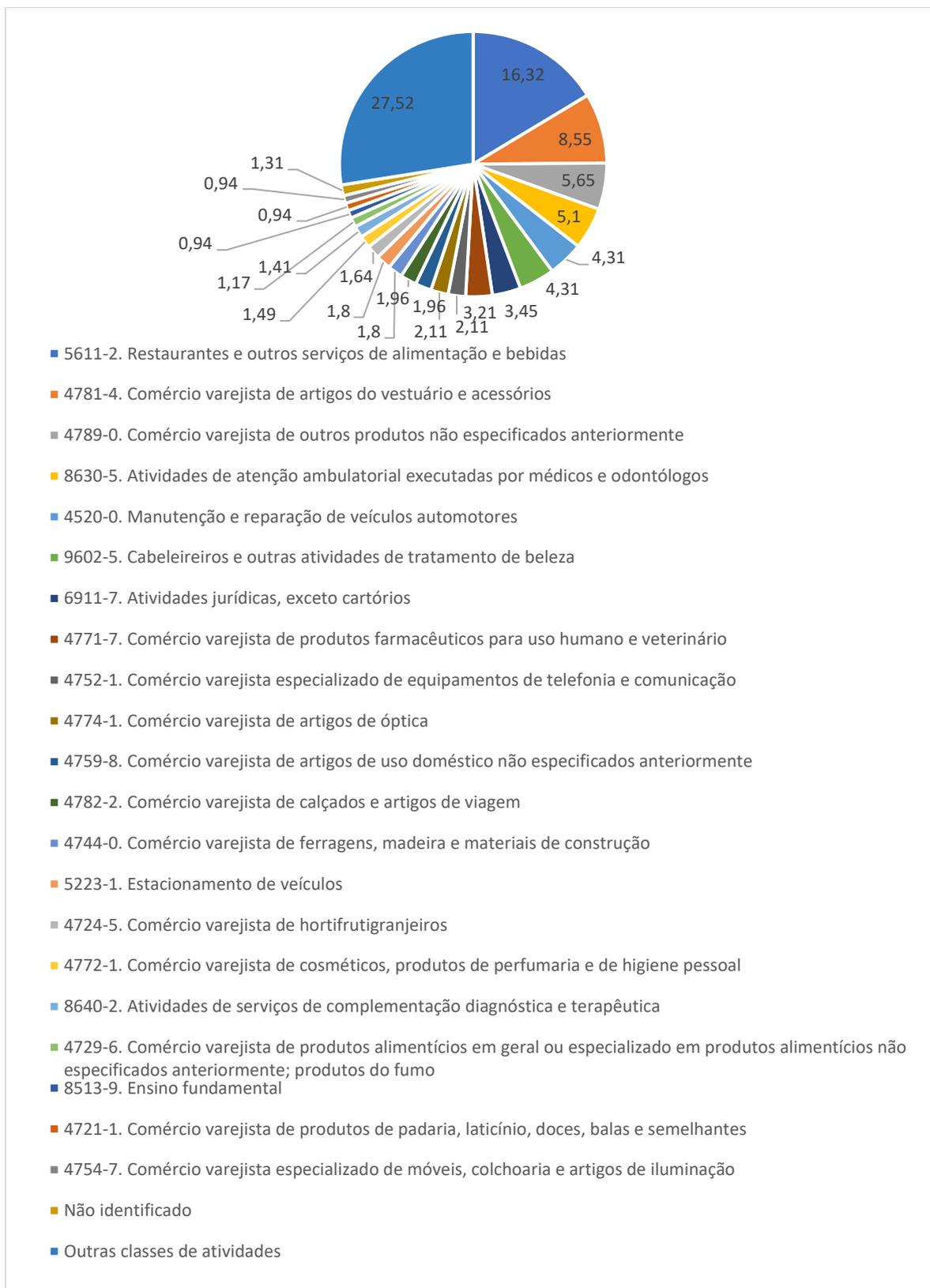


Mapa 2. Delimitação do subcentro em Campo Grande, 2023.



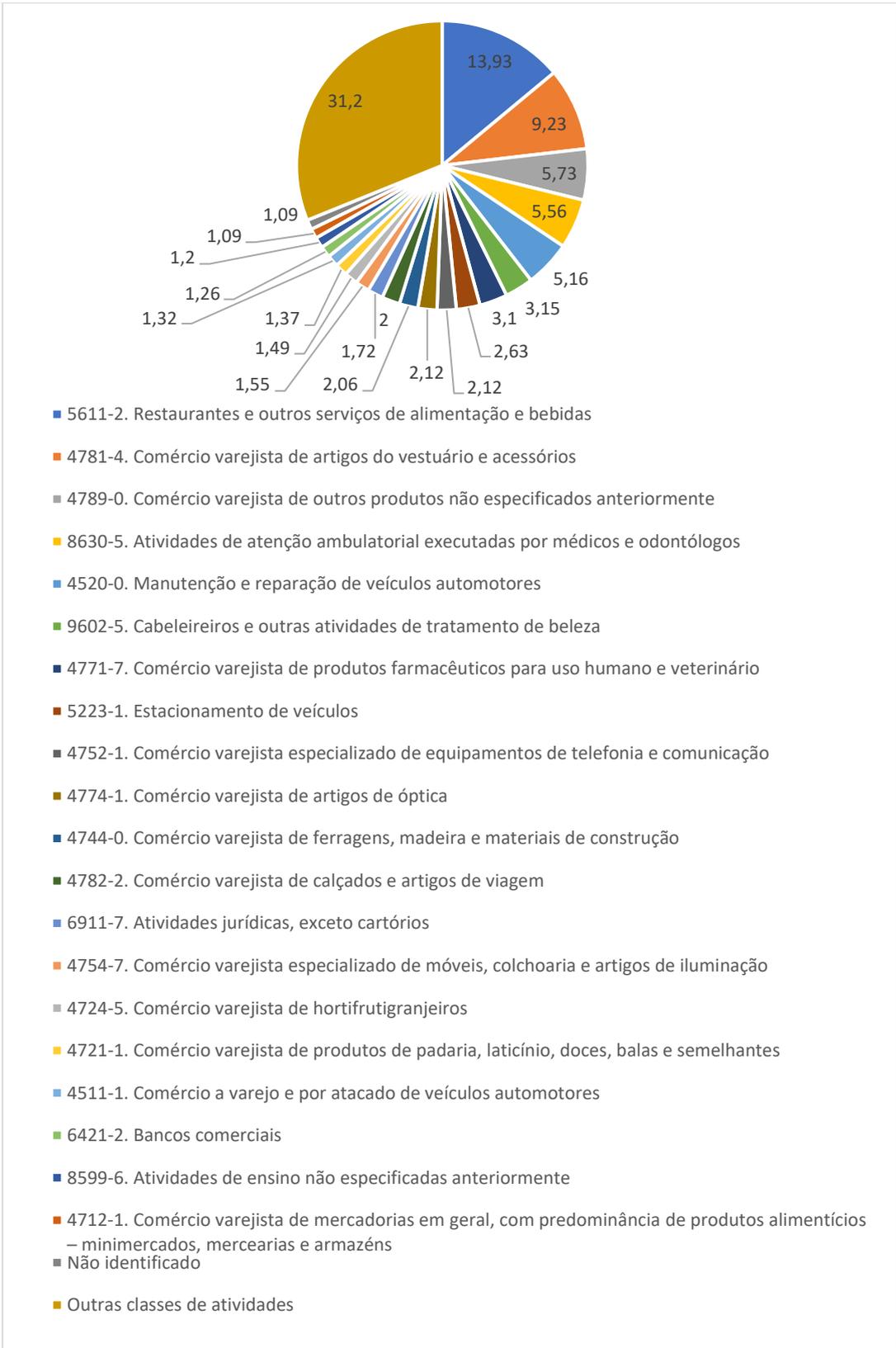
No que se refere aos tipos de atividades, identificamos 104 classes de atividades, no subcentro localizado em Bangu, e 112 classes, em Campo Grande. Parte pouco representativa de classes concerne às atividades da indústria de transformação, a exemplo da fabricação de móveis, de material plástico e de artigos de serralheria. A grande maioria, 95, em Bangu, e 103, em Campo Grande, diz respeito ao comércio varejista e aos serviços.

Gráfico 1. Classes de atividades no subcentro em Bangu, 2023.



Fonte: *Google Street View*, 2023.

Gráfico 2. Classes de atividades no subcentro em Campo Grande, 2023.



Fonte: *Google Street View*, 2023.

No que se refere às atividades terciárias, destacamos elementos em comum às duas áreas centrais. O primeiro deles é relativo à importância das atividades pertencentes aos grupos 5611-2 (Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas), com 16,32% das atividades, em Bangu, e 13,93%, em Campo Grande; 4781-4 (Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios), com 8,55% e 9,23%; 4789-0 (Comércio varejista de outros produtos não especificados anteriormente), 5,65% e 5,73%; 8630-5 (Atividades de atenção ambulatorial executadas por médicos e odontólogos), 5,10% e 5,56%; 9602-5 (Cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza), 4,31% e 3,15%; 6911-7 (Atividades jurídicas, exceto cartórios), 3,45% e 1,72%; 4520-0 (Manutenção e reparação de veículos automotores), 4,31% e 5,16%; e 4771-7 (Comércio varejista de produtos farmacêuticos para uso humano e veterinário), 3,21% e 3,10%.

Em ambos os subcentros, as atividades econômicas inseridas na classe 5611-2 (Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas são desempenhadas por diferentes agentes) correspondem não somente às que são mais numerosas, mas também que são desenvolvidas por diferentes tipos de agentes, abarcando, por exemplo, ambulantes, proprietários de pequenos restaurantes e franqueados de empresas de diferentes escalas de atuação. Isso resulta na coexistência entre lojas Mc Donald's, Subway, Giraffas, Cosechas, Ragazzo e Billy The Grill e atividades de serviços de alimentação ambulantes, com a venda, por exemplo, de pastel, caldo de cana, suco, marmitta, cachorro-quente, pizza, churros e pipoca.

A segunda classe de atividades mais importante corresponde à 4781-4 (Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios), que exhibe distribuição disseminada por toda a área dos dois subcentros e presença de diferentes agentes, mas em menor número ao relativo à classe 5611-2. As atividades das classes 5611-2 e 4781-4 estão espacialmente concentradas nos calçadões dos eixos Cônego de Vasconcelos e Ministro Ary Franco, em Bangu, e Coronel Agostinho, em Campo Grande, o que sugere o interesse em atender o grande fluxo de frequentadores que transitam a pé.

A classe 4789-0 (Comércio varejista de outros produtos não especificados anteriormente), a terceira com maior participação, abrange grande diversidade de atividades, a exemplo de floriculturas, pet shops e lojas de bijuterias e artesanato e está distribuída de modo menos concentrado que as classes 5611-2 e 4781-4, por abarcar atividades de distintas lógicas locais.

Embora presente nos trechos dos calçadões, os estabelecimentos inseridos na classe 4771-7 (Comércio varejista de produtos farmacêuticos para uso humano e veterinário) também se encontram em eixos de importância secundária, a exemplo de Francisco Real e Santa Cruz, em Bangu, e Viúva Dantas e Cesário de Melo, em Campo Grande. O predomínio de filiais de grandes farmácias, em comparação aos estabelecimentos de agentes locais, é expressivo, com unidades da Droga Raia, Drogarias Pacheco e Drograria Venâncio. Essa configuração resulta da instalação de filiais dessas empresas em diferentes bairros da cidade e é indicativa de processos de desconcentração dessa atividade, com inclusão dos subcentros de Bangu e Campo Grande em suas escolhas locais.

As atividades da classe 6911-7 (Atividades jurídicas, exceto cartórios) estão distribuídas em várias partes dos dois subcentros, sobretudo, em edifícios oriundos de refuncionalização de antigas residências e salas situadas em andares superiores de prédios em que o térreo é ocupado por unidades do comércio varejista. De modo recorrente, nas proximidades das atividades dessa classe, é possível observar estabelecimentos da classe 6920-6 (Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária) e atividades complementares, concernentes à classe 8219-9 (Fotocópias, preparação de documentos e outros serviços especializados de apoio administrativo).

As atividades presentes nos subcentros de Bangu e Campo Grande pertencentes à classe 8630-5 (Atividades de atenção ambulatorial executadas por médicos e odontólogos) abrangem diversidade significativa de especialidades, de que são ilustrativas clínicas de cirurgia ortognática, cardiologia, neurologia, oftalmologia e cirurgia plástica. Trata-se de complexidade dos serviços médicos não observada na análise dos usos do solo realizada por Duarte (1974), que identificou escassez dessas especialidades, o que demonstra dinâmicas de complexificação das funções das duas áreas centrais, nas últimas décadas.

A diversidade de especialidades médicas e odontológicas é acompanhada pela presença de atividades de complementação diagnóstica e de outros profissionais da saúde, como os serviços de clínicas de fisioterapia, psicologia e fonoaudiologia, localizadas, de modo recorrente, nas proximidades. A classe 8640-2 (Atividades de serviços de complementação diagnóstica e terapêutica) apresenta com 1,31% de participação, em Bangu, e 0,97%, em Campo Grande; e a 8650-0 (Atividades profissionais da área da saúde, exceto médicos e odontólogos), 0,63% e 0,80.

Os estabelecimentos ligados à classe 8630-5 se encontram em diferentes parcelas dos subcentros de Bangu e Campo Grande, o que sugere menor necessidade de proximidade aos eixos dos calçadões e outras vias de grande fluxo, como Francisco Real, em Bangu, e Viúva Dantas, em Campo Grande. Todavia, no caso de clínicas odontológicas, há número considerável de estabelecimentos localizados nos calçadões, situados em salas dos andares superiores.

Ainda que com grande número de estabelecimentos localizados fora dos calçadões, as unidades de serviços ligadas à classe 9602-5 (Cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza) estão situadas, sobretudo, em trechos de ruas e avenidas próximas. De modo distinto à distribuição espacial das classes descritas acima, a 4520-0 (Manutenção e reparação de veículos automotores) é representativa de atividades desenvolvidas em imóveis de grandes dimensões, sobretudo, em parcelas distantes dos calçadões, com menor fluxo de pessoas.

Com porcentagens inferiores às classes de atividades descritas acima, a classe 4752-1 (Comércio varejista especializado de equipamentos de telefonia e comunicação) apresenta 2,11% de participação, em Bangu, e 2,12%, em Campo Grande, em atividades situadas, em grande medida, nos calçadões, não apenas em lojas, mas, principalmente, em bancas que vendem, dentre outras peças e acessórios para celular, capas e carregadores; 4774-1 (Comércio varejista de artigos de óptica), 2,12% em ambos os subcentros, com grande número de estabelecimentos situados nos calçadões e arredores; 4744-0 (Comércio varejista de ferragens, madeira e materiais de construção), 1,80% e 2,06%, com atividades desenvolvidas, notadamente, em imóveis de grandes dimensões, situados em eixos representativos de expansão espacial dos subcentros, como as avenidas Santa Cruz e Cesário de Melo, em Bangu e Campo Grande, respectivamente; 4724-5 (Comércio varejista de hortifrutigranjeiros), 1,64% e 1,49%, desempenhadas, principalmente, por comerciantes ambulantes, que instalam suas bancas nos calçadões; 4754-7 (Comércio varejista especializado de móveis, colchoaria e artigos de iluminação), 0,94% e 1,55%, com estabelecimentos distribuídos em diferentes parcelas; e 4782-2 (Comércio varejista de calçados e artigos de viagem), 1,96% e 2,0%, com distribuição espacial muito similar à classe 4781-4.

Cabe o destaque às atividades terciárias tidas por Duarte (1974) como de consumo 'pouco frequente'. Além das classes de atividades 4754-7 (Comércio varejista especializado de móveis, colchoaria e artigos de iluminação), 4774-1 (Comércio varejista de artigos de óptica), 6911-7 (Atividades jurídicas, exceto cartórios) e 8630-5 (Atividades de atenção ambulatorial executadas por médicos e odontólogos), que já mencionamos anteriormente, chamamos atenção

para a classe 4753-9 (Comércio varejista especializado de eletrodomésticos e equipamentos de áudio e vídeo), que, apesar de exibir 0,47% e 0,74%, em Bangu e Campo Grande, respectivamente, é representativa da presença de empresas de grandes escalas de atuação, a partir de lojas Ponto, Casas Bahia e Casa & Vídeo, localizadas nos calçadões dos dois subcentros; 4713-0 (Comércio varejista de mercadorias em geral, sem predominância de produtos alimentícios), com 0,47% e 0,23%, envolvendo filiais de grandes empresas localizadas nos calçadões, a exemplo da loja Pernambucanas; 4756-3 (Comércio varejista especializado de instrumentos musicais e acessórios), com 0,08% e 0,23%, significativos de estabelecimentos situados em diferentes parcelas dos dois subcentros; 4761-0 (Comércio varejista de livros, jornais, revistas e papelaria), com 0,31% e 0,69%, em atividades localizadas, principalmente, nas proximidades dos calçadões; 8593-7 (Ensino de idiomas), com 0,63% nos dois subcentros; e 8599-6 (Atividades de ensino não especificadas anteriormente), envolvendo escolas de cursos preparatórios, com 0,94% e 1,20%, em atividades presentes em distintas parcelas.

Além dessas classes de atividades, verificamos que, no subcentro de Bangu, a classe 4759-8 (Comércio varejista de artigos de uso doméstico não especificados anteriormente) apresenta participação considerável, 1,96%, com menor relevância em Campo Grande, 0,97%. Trata-se de classe que abarca atividades relativas a lojas de artigos de tapeçaria e de utilidades domésticas, localizadas, notadamente, nos calçadões ou nas suas proximidades, seja em estabelecimentos do comércio formal, seja em bancas do comércio ambulante. Em Campo Grande, a classe 5223-1 (Estacionamento de veículos) exibe porcentagem que não é desprezível, 2,63%, mas que, em Bangu, apresenta participação inferior, 1,80%. Os estabelecimentos estão ausentes dos trechos de calçadões, mas localizados nas suas proximidades, em imóveis de maiores dimensões que os demais de tipos de estabelecimentos.

Nossa exposição sobre os subcentros de Bangu e Campo Grande demonstra grande concentração espacial e diversidade de atividades terciárias, com o desempenho de diferentes funções, por parte de distintos tipos de agentes, com comerciantes e prestadores de serviços de grandes e pequenos capitais, atrelados ou não a grupos de atuação multiescalar, o que sugere processo de complexificação das duas áreas centrais, em comparação às características apreendidas em estudos realizados no século XX.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos usos do solo nos subcentros localizados nos bairros de Bangu e Campo Grande, destacamos que o adensamento populacional ocorrido nas últimas décadas, a diversidade de segmentos socioeconômicos dos moradores e as maiores capacidades de consumo das camadas de baixo poder aquisitivo contribuem para conformação de contexto diferente daquele analisado por Geiger (1960), marcado pelo predomínio de área rural e crescimento pouco expressivo das atividades terciárias.

As novas características dos dois bairros são explicativas não somente do crescimento do número de atividades econômicas, mas também da diversidade das funções desempenhadas, com maior complexidade, comparado ao período analisado por Duarte (1974). Essa complexidade pode ser conferida pela participação significativa de comércio e serviços de consumo ‘pouco frequente’, especialmente loja de eletrodomésticos, óticas, livrarias, escritórios de advocacia, escritórios de contabilidade, laboratórios de análises clínicas e serviços médicos de diferentes especialidades, o que nos permite inferir posição hierárquica similar do subcentro situado em Bangu, em referência ao subcentro situado em Campo Grande.

Entendendo, contudo, que as cidades policêntricas abarcam não somente relações hierárquicas, mas também de complementaridade e concorrência, enfatizamos também, com base em Pacheco (2012), as diferenças dos dois subcentros, em comparação a outras áreas centrais da metrópole do Rio de Janeiro, concernentes, por exemplo, ao conteúdo social e aos agentes comerciais e de serviços presentes. Em Bangu e Campo Grande, destacamos o predomínio dos segmentos socioeconômicos de baixo poder aquisitivo, ainda que combinado a outras camadas sociais, e a presença de diferentes agentes, a exemplo de empresas de grande capacidade de atuação, a partir da instalação de filiais, e de comerciantes ambulantes, formais e informais.

Essas características demonstram transformações dos subcentros na produção do espaço urbano contemporâneo, articuladas não somente aos processos de conformação de estruturas policêntricas, mas também impactadas por mudanças econômicas, sociais e espaciais, observadas em múltiplas escalas espaciais.

6. REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

CASSEMIRO, R. F. **O papel do capital incorporador e do Estado na produção de moradias e na reestruturação urbana do bairro de Campo Grande**. 2011. 136f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

DUARTE, H. S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 36, n. 1, p. 53-98, 1974.

GEIGER, P. P. Ensaio para a estrutura urbana do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, v.22, n. 1, p. 3-45, 1960.

MACEDO, A.P. **Produção imobiliária e segregação na periferia do Rio de Janeiro: O bairro de Campo Grande**. 2002. 156f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, M. R. **Comércio, consumo e desigualdade no Rio de Janeiro: um estudo comparativo entre os espaços terciários de Bangu e Leblon**. 2019. 395f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

PACHECO, S. M. Reflexões sobre a atualidade do conceito de subcentro em áreas consolidadas na metrópole carioca. In: PACHECO, S. M.; MACHADO, M. M. (Org.). **Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 222-248.

SOARES, M. T. de. Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 27, n. 3, p. 329-387, 1965.